

## DOSSIÊ TEMÁTICO

## Uma análise Lésbica-Feminista sobre a Heterossexualidade Compulsória

Larissa P. Martins<sup>1</sup>

**Resumo:** A heterossexualidade compulsória, enquanto um sistema político que domina e tira o poder das mulheres é um dos fatores principais para que haja conflitos dentro do movimento feminista entre as lésbicas e heterossexuais. Utilizando a bibliografia produzida por pensadoras lésbicas-feministas, este trabalho busca problematizar a heterossexualidade compulsória enquanto manutenção do patriarcado que contribui para o enfraquecimento das relações entre mulheres, sejam elas afetivas/sexuais ou não. Contribuindo assim, para a invisibilidade das lésbicas tanto na história oficial, quanto nos espaços e estudos feministas.

**Palavras-chave:** Feminismos; Heterossexualidade Compulsória; Lesbianidade;

### A lesbian-feminist analysis on a compulsory heterosexuality

**Abstract:** A compulsory heterosexuality, like a political system that dominates and takes away the power of women, is one of the main factors for conflicts in the feminist movement between lesbians and heterosexuals. Using a bibliography created by lesbian-feminist thinkers, this work is search for to problematize compulsory heterosexuality that is based on the patriarchy that contributes to the weakening of relationships between women, whether affective / sexual or not. Thus it contributes to the invisibility of lesbians in official history and in the feminist spaces / studies.

**Keywords:** Feminisms; Compulsory Heterosexuality; Lesbianity

### Introdução

Ao pensarmos na sujeita do feminismo, pensamos na construção de uma sujeita “mulher”, no entanto, assim como nos traz Judith Butler (2016), ao aprofundarmos nossos estudos sobre feminismos percebemos que uma sujeita “mulher” não consegue sustentar todas as particularidades presentes no que é ser mulher. Somos atravessadas por demais questões sociais como a raça/etnia, classe, sexualidade, cultura, etc., que nos tornam múltiplas. Neste

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Licenciada em História pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Atualmente é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: larissa.pmartins@yahoo.com.br

ensaio, buscarei compreender como foi construída as relações feministas entre lésbicas e mulheres heterossexuais, problematizando a heterossexualidade obrigatória.

Entendendo que a objeto dessa pesquisa é feminina e numa tentativa de romper com os padrões acadêmicos ainda muito masculinista, a escrita deste ensaio utilizará o feminino como forma de afirmar que não há neutralidade na escrita. Tal mudança pode causar estranheza, mas acredito ser fundamental para nós, pesquisadoras lésbicas, rompermos com estes padrões acadêmicos que por muitas vezes nos invisibilizam.

Uma outra escolha política-metodológica é a utilização do termo lesbianidade ao invés de lesbianismo, levando em consideração que o sufixo “ismo” ainda é fortemente utilizado para patologizar a homossexualidade (masculina e feminina). Entendo, assim como Norma Mogrovejo (2004), a lesbianidade enquanto um ato político e não apenas uma denominação para relacionamentos sexuais e afetivas entre mulheres.

Dessa forma, proponho nesse ensaio, problematizar as relações estabelecidas entre as feministas lésbicas e heterossexuais através da contribuição bibliográfica de pesquisadoras lésbicas sobre o assunto, assim, buscando compreender a heterossexualidade como um sistema político que aprisiona as mulheres (RICH, 2010) e que busca a sua submissão perante aos homens (WITTIG, 2006).

### **Lesbianidade *versus* Heterossexualidade Obrigatória**

Há registro de relações lesbianas desde a antiguidade, mesmo que não houvesse tal conceito, mulheres já se relacionavam entre si amorosa e sexualmente, assim como também mantinham relações de solidariedade e proteção. No entanto, mesmo que na Grécia antiga as relações homoeróticas fossem bem quistas pelos homens, a sexualidade feminina, que não fosse para fins reprodutivos, era negada, sendo ela homoerótica ou não.

Como aponta Tania Navarro-Swain (2004) a história das mulheres foi apagada através de uma “política de esquecimento” da qual “esqueceu” tudo aquilo que não interessava à moral e os bons costumes dos valores dominantes da sociedade em diversos períodos históricos. No entanto, precisamos fazer o mesmo questionamento que Navarro-Swain: “se as mulheres começaram a surgir na História a partir do feminismo, onde se escondem as lésbicas, em que nichos de obscuridade e silêncio se pode encontra-las?” (NAVARRO-SWAIN, 2004).

De acordo com Irina Bacci (2016), a história da lesbianidade é uma história clandestina, ignorada e marcada por invisibilidades. Dessa forma, para pensarmos em uma

história da lesbianidade, precisamos necessariamente repensarmos o sistema político base para tal apagamento, ou seja, a heterossexualidade compulsória/obrigatória.

Pensada por pesquisadoras como Adrienne Rich (2010), Monique Wittig (2006), Jules Falquet (2012), Ochy Curriel (2013), dentre outras, a heterossexualidade enquanto um sistema político que retira o poder das mulheres, dominando e subalternizando seus corpos, acaba colocando-as umas contra as outras. Como podemos ver através do pensamento de Wittig trazido por Falquet em seu artigo “Romper o tabu da heterossexualidade”,

O que Wittig mostra é que a heterossexualidade (1) não é natural, mas social, (2) não é uma prática sexual, mas uma ideologia, que ela chama de “o pensamento straight [hétero]”, e, sobretudo, (3) que está ideologia que é a base da opressão patriarcal das mulheres, de sua apropriação pelos homens, é fundamentada na crença fervorosa e incessantemente renovada na existência de uma diferença dos sexos (FALQUET, 2012, p.22).

Tal sistema pode ser considerado o principal fator que separa as feministas lésbicas e heterossexuais, uma vez que tende através de uma ideologia do medo, colocar as feministas heterossexuais contra as lésbicas, principalmente aquelas que rompem com a heteronormatividade. Navarro-Swain (1999) argumenta que a lesbianidade no movimento feminista aparece como a radicalização extrema da recusa de um mundo patriarcal. Curriel (2013) vê a lesbianidade enquanto uma posição política que também vai contra a uma cultura patriarcal. Dessa forma, a lesbianidade se torna um perigo para o sistema heterossexistas.

Rich (2010) faz uma crítica as feministas heterossexuais que leem, escrevem e ensinam partindo de uma perspectiva heterocentrada, não reconhecendo uma das bases de sua própria opressão. Mas é justamente o temor de tal reconhecimento que faz com que socialmente se crie uma cultura do medo sobre a lésbica. Mogrovejo (2004) argumenta que a lesbianidade é mais oprimida e negada pela sociedade do que a homossexualidade masculina pois uma sociedade baseada no heterossexismo teme a união e autonomia de mulheres.

O feminismo, por ser uma ideologia política de libertação das mulheres em uma luta pela igualdade de gênero, também é outro risco para este sistema de heterossexualidade obrigatória. Assim, cria-se um discurso vinculado ao medo lésbico de que toda feminista é lésbica, é “anti-homem”, e mal amada, fazendo com que parte das mulheres neguem o movimento feminista. Do mesmo modo, faz com que feministas heterossexuais neguem a importância das lesbofeministas acreditando que a participação delas fossem, de alguma forma,

deslegitimar o movimento. Dessa forma, a manutenção do sistema heterossexista vai sendo feita, e conseqüentemente, vai dividindo a potencial força da união das mulheres.

Monique Wittig e Adrienne Rich problematizam a lesbianidade, assim como a heterossexualidade, tirando-os do campo da sexualidade e colocando-os no campo do poder, entretanto:

Para ambas, a heterossexualidade, longe de ser uma inclinação sexual natural nos seres humanos, é imposta às mulheres pela força, quer dizer, ao mesmo tempo pela violência física e material, inclusive econômica, e por um sólido controle ideológico, simbólico e político, o qual faz intervir um conjunto de dispositivos que vão desde a pornografia até a psicanálise. (FALQUET, 2012, p. 20).

Nesse sentido a heterossexualidade obrigatória serve também como manutenção do capitalismo, fazendo com que mulheres sirvam tanto como meio de reprodução quanto de mão-de-obra. Colocando todas as mulheres (sejam elas heterossexuais ou não) em uma cultura heterossexista, o homem cria através de ideologias e narrativas um exemplo de “como ser uma boa mulher”, fazendo com que estas busquem se enquadrar o máximo possível a tal padrão. Dessa forma, assim como afirma Wittig (2006) a lésbica não é uma mulher, uma vez que rompe com toda a estrutura e narrativa criada pelo homem do que é ser uma mulher.

Para Navarro-Swain a lesbianidade

aparece no movimento feminista como a radicalização extrema na recusa de um mundo patriarcal, propondo o separatismo na vida social, a criação de espaços de onde os valores masculinos seria extirpada, uma utopia moderna onde a violência e o poder não teriam lugar de existência ou expansão. (NAVARRO-SWAIN, 1999, p.109).

A lesbiana descolonizou seu corpo. Segundo Clarke (1988 p. 99), “ela rechaçou uma vida de servidão que é implícita nas relações heterossexistas/heterossexuais ocidentais e aceitou o potencial da mutualidade de uma relação lésbica – não obstante os papéis”. Assim, como nos aponta Bacci, “o corpo político das lésbicas é controverso, pois se torna político quando resiste à norma e à heterossexualidade compulsória, mas, ao mesmo tempo, é um corpo abjeto, e invisibilizado na sua condição” (BACCI, 2016, p. 54).

### **Considerações Finais**



Para finalizar, retomo a questão feita por Navarro-Swain sobre onde se encontram as lésbicas na história se não estão presentes nem mesmo nos estudos feministas. Ao meu ver, as lésbicas sempre estiveram ativas dentro do movimento feministas assim como em seus estudos, trazendo como importante contribuição o questionamento sobre a heterossexualidade obrigatória como um sistema político que oprime as mulheres.

Acho necessário pontuar que os conflitos entre lesbofeministas e feministas heterossexuais dentro do movimento feminista não se dá por acaso. Foi construída através de narrativas, ideologias e culturas heterossexistas para continuar assegurando a soberania do homem e uma sociedade patriarcal, dificultando a união entre mulheres, seja ela afetiva/sexualmente ou enquanto um movimento de luta.

Acredito que esse debate, apesar de bem consolidado por tantas pesquisadoras lésbicas como trago neste ensaio, ainda é pouco debatido dentro do movimento feminista. Precisamos tomar para nós a responsabilidade de levantar esse debate nos mais diversos meios de militância, assim como na vida social, afim de entender o sistema político que molda as relações sociais e afetivas a qual somos inseridas, para que de alguma forma consigamos desconstruí-los.

## Referências

- BACCI, Irina Karla. **Vozes lésbicas no Brasil: a busca e os sentidos da cidadania LGBT**. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) – Universidade de Brasília, 2016.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 11º ed.
- CLARKE, Cheryl. El lesbianismo: Um acto de resistência. In: MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana (eds.). **Esta puente, mi espalda**. San Francisco: Ism Press, Inc., 1988, 99-107.
- CURIEL, Ochy. El sentido político de la heterossexualidad. **La Nación Heterossexual: análisis del discurso jurídico y el régimen heterossexual desde la antropología de la dominación**. Bogotá, Brecha Lésbica y en la frontera, 2013.
- FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. **Cadernos de Crítica Feminista**, ano VI, N. 5 – dezembro, 2012.



MAFFIA, Diana. El Contrato Moral. In CARRIÓ, E.; MAFFÍA, D. **Búsquedas de Sentido para una nueva Política**. Buenos Aires, Paidós, 2005

MOGROVEJO, Norma; AQUISE, Norma Mogrovejo. **Teoría lésbica, participación política y literatura**. Universidad Autonoma De LA Ciudad, 2004.

NAVARRO-SWAIN, Tania. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. **Cadernos Pagu** (UNICAMP), Campinas, São Paulo, v. 12, p. 109-120, 1999.

NAVARRO-Swain, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos; 313)

RICH, Adrienne. “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica”. **Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades**. Natal: v. 4, n. 5, jan./jun. 2010, p. 17-44.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Madrid, Editorial Egales. 2006.

**Recebido em:** 01/01/2020

**Aceito em:** 30/01/2020